



Paulo Eduardo Castello Parucker

A "Metrópolis" de Fritz Lang e o mundo do trabalho

Rodado em 1926 pelo diretor austríaco Fritz Lang (Friedrich Christian Anton Lang) em sua chamada fase alemã, "Metropolis" é um dos clássicos do cinema mudo. Considerado pela crítica uma das obras-primas do expressionismo alemão, evoca a transformação do trabalho, operada pela modernidade, em um inferno de alienação, cuja redenção possível, se existir, virá pelo amor e pela colaboração de classes.

O filme é ambientado um século depois (2026), numa metrópole futurista, de edifícios gigantescos. Nela, os poderosos ocupam a superfície e a massa de operários é relegada ao subsolo, em um estado de permanente exaustão física e mental causada pelo trabalho degradante com as máquinas. A trama gira em torno da pretensão, nutrida pelo grande capitalista (*Mestre Joh Fredersen*), de usar a máquina (um robô, criado

pelo cientista Rotwang) como substituto perfeito do trabalhador humano - que seria, a partir de então, inútil e, portanto, descartável. Tal pretensão é barrada pela resistência violenta dos operários rebeldes, ao tempo em que transcorre uma relação amorosa entre o filho do todo-poderoso (*Freder Fredersen*, o bom burguês) e a líder messiânica dos trabalhadores (*Maria*).

O filme critica o mundo supostamente idílico usufruído pela frívola e ambiciosa classe burguesa, erguido sobre o sofrimento e a exploração dos trabalhadores. Ao mesmo tempo, antecipa possibilidades de transformação dessa situação opressiva, mediante a rebelião destrutiva levada a cabo por hordas de trabalhadores em fúria cega, encerrada com a aliança redentora entre operários conscientes e bons capitalistas.

A visão política que subjaz a essa obra, claro está, é fruto de seu tempo: um mundo marcado por conflagrações verdadeiramente mundiais, como a Guerra de 1914-1919 e a Revolução Socialista de 1917, na qual se destacou o crescente protagonismo das massas. Outra marca desse mundo é a avassaladora marcha da tecnologia, cujas máquinas exerciam o duplo impacto do fascínio (pelo progresso que proporcionavam) e do temor (de que as massas se descobrissem descartáveis). Trata-se, aliás, de um mundo não muito diferente daquele que, nas duas décadas que se seguiriam, no bojo da fulminante trajetória de ascensão e queda do nazismo, engendrou o genocídio de judeus, de ciganos, de comunistas e de vários outros grupos identitários.

Esteticamente, “Metropolis” marcou bastante o panorama da arte cinematográfica. Recorrendo aos excessos de claros e escuros por

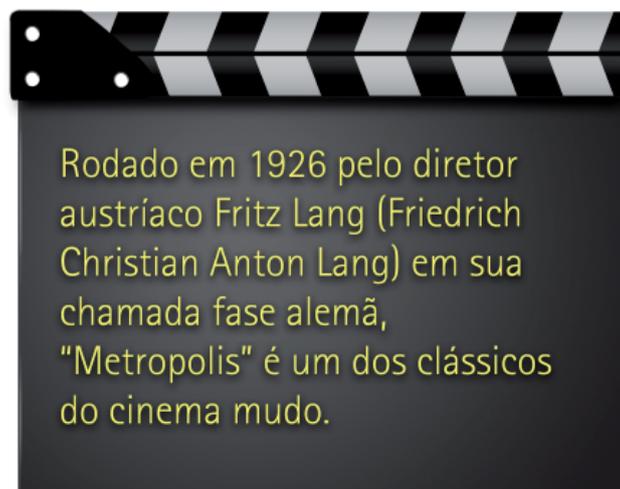
meio da iluminação e da maquiagem, reforçando sombras e luzes, imprimiu forte carga dramática aos gestos e feições, lembrando o tradicional teatro *kabuki* e, ao mesmo tempo, realçando a novidade do *expressionismo* na narrativa.

Sob a ótica da relação entre cultura e trabalho, um aspecto relevante a destacar é a maneira peculiar com que é retratada a classe operária que, no enredo, ganha nítido traço de imaturidade. O proletariado de Lang aparece como ciclótico, ora resignado e ordeiro, ora irascível e descontroladamente destrutivo, bem como carente de uma liderança messiânica. Ainda assim, é digno de nota o fato de que à classe operária é reservado o protagonismo. Poucos são, na história do cinema, os filmes que, a exemplo de “Metropolis” e da clássica

obra do mestre russo Sergei Eisenstein, “O Encouraçado Potemkin”, conferem às massas papéis de relevo. Pode-se, no entanto, matizar esse suposto protagonismo: ao lado da massa de trabalhadores, pontuam os protagonistas de fato, o jovem burguês *Freder Fredersen* e a jovem operária *Maria*, que detonarão o conflito

com os antagonistas *Rotwang*, cientista/inventor com um pé na genialidade e outro na loucura, e o *Mestre Joh Fredersen*, inescrupuloso capitão de indústria. Sem embargo, é o levante dos operários, são os indivíduos agindo coletivamente, o que dá o tom do conflito central do filme, a ameaça das máquinas ao futuro dos homens.

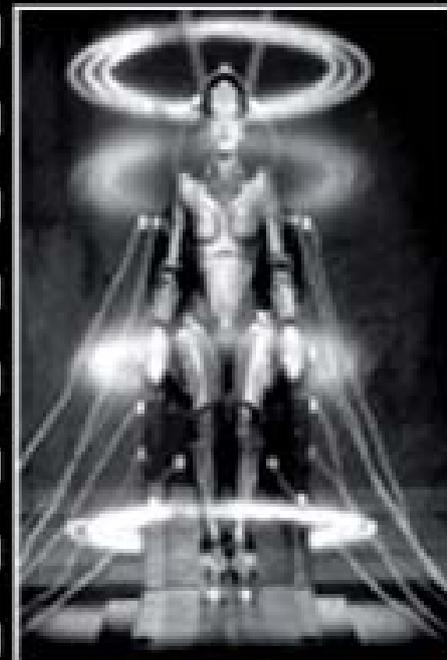
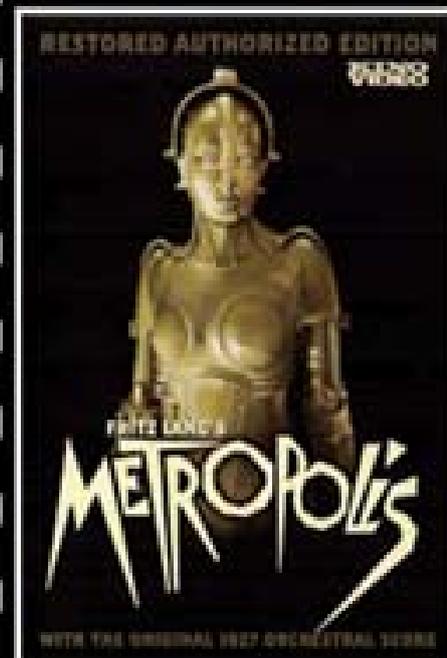
Essa questão da classe operária como protagonista é interessante também porque ajuda, pelo contraste que estabelece, a iluminar uma tendência que começa a ser identificada nas décadas finais do século XX, no que concerne ao modelo de produção e à própria natureza do

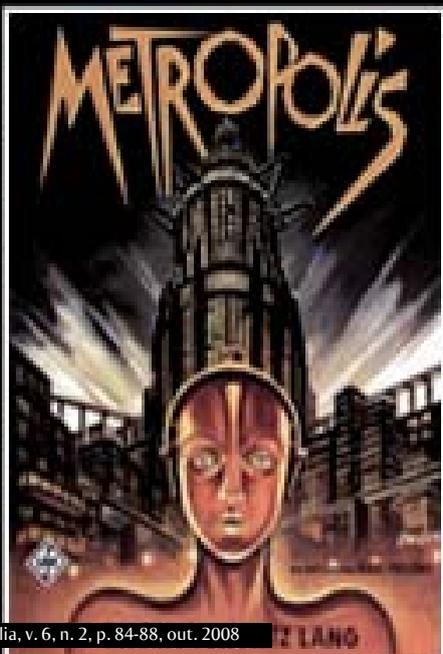
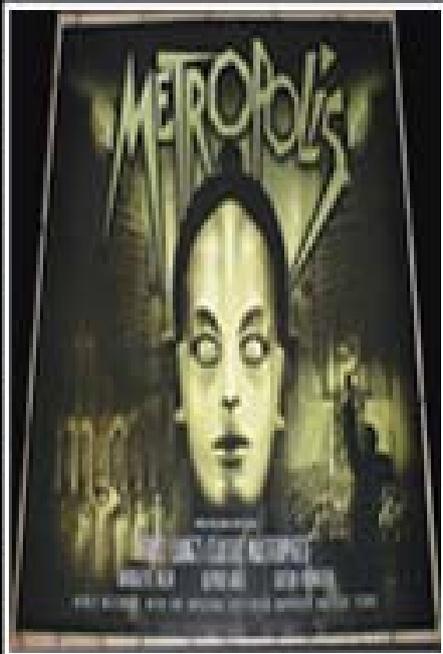
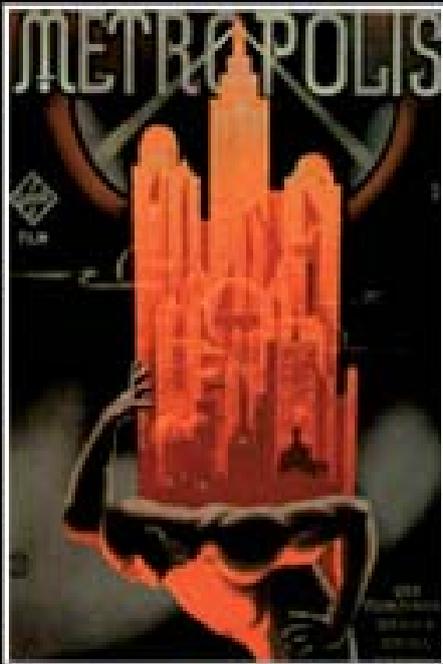


sistema produtivo. No futuro de 2026, imaginado por Lang e calcado na experiência fabril da virada do séc. XIX para o XX, o modelo produtivo é baseado em enormes máquinas operadas por trabalhadores, em grandes plantas ou instalações, segundo uma rígida disciplina de ações, do espaço e do tempo. A esse respeito, é muito eloqüente a seqüência de abertura de “Metropolis”: engrenagens, relógio, fábrica, imagens em *close* que se superpõem e anunciam o tema em torno do qual se desenvolverá a trama.

Embora ainda existindo nos dias de hoje, tal modelo vem cedendo terreno a novos arranjos que em muito diferem do fordismo clássico. Atualmente, a produção agrícola e industrial, cada vez mais mecanizada, tem absorvido cada vez menos mão-de-obra; o setor de serviços segue crescente, porém a absorver apenas seletivamente esse saldo excedente de mão-de-obra. Conseqüentemente, cresce de forma drástica o percentual de excluídos do sistema produtivo, vale dizer, da sociedade de consumo. No interior mesmo do setor industrial as modificações são significativas. A concepção e o projeto são, hoje, feitos por computadores em rede; a própria produção, a cargo de grupos pequenos (equipes, células) de trabalhadores qualificados, em ilhas de produção, bem como o acabamento e a montagem final e a distribuição, articuladas às instâncias financeiras de suporte creditício ao consumo, já prescindem dos limites geográficos tradicionais.

No quadro da atualidade, parece cada vez mais distante o espaço para um protagonismo das massas, ainda que nos termos de Lang. Se o trabalho perde espaço, de igual modo recua a capacidade de construção identitária do ser social baseada no trabalho, ou seja, como classe operária. As massas parecem ter cada vez menos chance de desenvolver algumas das principais características idealizadas para elas pelo socialismo. Dificilmente conseguirão se constituir em um universo relativamente homogêneo de homens e mulheres que compartilham, além do esforço diário para seu sustento, também uma relativa consciência de si como grupo e dos mecanismos que conduzem à situação de exploração desse grupo. Mais ainda,





carecem daquela organização, imaginada pelas vanguardas teóricas socialistas, que lhes permitisse a ação política coletiva. São cada vez mais apenas multidões de despossuídos, vivendo a lida diária em um caos hobbesiano de futuro nada promissor.

Mudando o foco de análise, gostaria de registrar um aspecto pontual do filme que, a despeito de sua reduzida dimensão, pode assumir proporções assustadoras. É, no mínimo, curiosa — e certamente inquietante — a associação simbólica procedida por Fritz Lang entre o inventor *Rotwang* e os judeus. Na cena em que o *Mestre Joh Fredersen* vai conhecer o invento que substituirá os trabalhadores humanos, o cenário revela uma estrela-de-davi, ao fundo, na parede sobre a cadeira onde está sentado o robô. Em outra cena, vê-se também na porta da casa do malévolo *Rotwang* a mesma estrela de seis pontas que simboliza o judaísmo. São ambas passagens muito rápidas, feitas como que para passarem despercebidas. Mas, no cinema como na vida, pouca coisa é feita assim, à toa.

O que terá levado Lang a fazer (ou a aceitar que tenha sido feita) tal referência é algo que desconheço. Porém, quanto ao escopo dessa referência, posso supor que seja uma tentativa de associar, mediante o recurso à mensagem subliminar, a imagem dos judeus à da ciência e do conhecimento inescrupulosamente voltados para o poder econômico. O estereótipo do judeu inteligente, conspirador, sequioso por dinheiro e poder, foi bastante explorado na Alemanha, mesmo na fase que precedeu a chegada do partido nazista ao governo. A propósito, sabe-se que Lang, sondado por um integrante da alta cúpula nacional-socialista, a pedido do próprio Hitler, recusou a proposta de trabalho para o partido. A afinidade, nesse caso, pode não ter sido apenas estética, mas também ideológica. Deve-se, contudo, registrar que, já no dia seguinte ao do convite, talvez intuindo o significado dessa negativa, Fritz Lang fugiu para a França, onde também filmou, indo depois para Hollywood, nos Estados Unidos. Somente retornou para a Alemanha muitos anos depois, quando o 3º Reich já não era senão um pesadelo soterrado pelos escombros da 2ª Guerra Mundial. Seja lá o que tenha ocorrido, a imagem continuou no filme.

O cinema, como sabemos, é também um dispositivo de memória social. Para além do inegável apelo do entretenimento, tem relevante papel na construção do discurso ideológico, nos conflitos de representações sociais. Buscar elucidar as questões que aqui foram apenas esboçadas sem dúvida contribui para a reflexão crítica sobre o mundo em que estamos e, por extensão, sobre aquele que queremos.

Referências bibliográficas

ADOROCINEMA.COM. Coordenação de Francisco Russo. Apresenta informações sobre o mundo cinematográfico. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/default.asp>>. Acesso em: 19 dez. 2005.

KUYUMJIAN, Márcia de Melo Martins. O trabalho e o social: temporalidade e contextos históricos. *Textos de História*, Brasília, v. 14, n. 1-2, 2006.

LYRA, Marcelo. Dossiê Fritz Lang. *Revista de Cinema*, São Paulo, n. 39, [2005]. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/revistadecinema/edicao39/dossie/index.shtml>>. Acesso em: 19 dez. 2005.

NUNES, Christiane Girard Ferreira. Economia solidária em tempos sombrios. *Ser Social*, Brasília, n. 5, p. 221-239, jul./dez. 1999.

SENNETT, Richard. Como o trabalho destrói a inclusão social [How work destroys social inclusion]. *New Statesman*, v. 12, n. 557, 31 maio 1999. Disponível em: <<http://www.newstatesman.com/199905310022>> e <<http://www.aps.pt/boletim/texto3.htm>>. Acesso em: 19 dez 2005.

VILLAÇA, Pablo. Metropolis. *Cinema em cena*, Seção Críticas do editor, 27 jun. 1998. Disponível em: <http://www.cinemaemcena.com.br/crit_editor_filme.asp?cod=526>. Acesso em: 19 dez. 2005.

VIVEIROS, Mariana Vieira. *Luta de Classes, Romance e... Robôs*: Metropolis, de Fritz Lang. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/com022/cyborg/pgmetropolis.html>>. Acesso em: 19 dez. 2005.



Ficha Técnica

(informações colhidas em 11/03/2008, nos seguintes endereços eletrônicos: “<http://www.scoretrack.net/DVDmetropolis.html>” e “<http://www.americanas.com.br/prod/170320/DVDStore>”)

Título Original: Metropolis

Gênero: Ficção Científica

Tempo de Duração: 100 minutos

Ano de Lançamento (Alemanha): 1927

Estúdio: Universum Film S.A.

Direção: Fritz Lang

Roteiro: Fritz Lang e Thea von Harbou, baseado em livro de Thea von Harbou

Produção: Erich Pommer

Música: Gottfried Huppertz

Fotografia: Karl Freund e Günther Rittau

Direção de Arte: Otto Hunte, Erich Kettelhut e Karl Vollbrecht

Figurino: Aenne Willkomm

(DVD: “Metropolis”; Legendas: espanhol, inglês, português; Fornecedor: Continental; Ano de lançamento: 2002).



Paulo Eduardo Castello Parucker é consultor legislativo da Câmara Legislativa do Distrito Federal e membro titular do Conselho Distrital de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos. Formação acadêmica: graduado em História pela Universidade de Brasília – UnB (1987), mestre em História pela Universidade Federal Fluminense – UFF (1992), especialista em História Cultural pela UnB (2006).